

O CORPO COM DEFICIÊNCIA NAS MÍDIAS SOCIAIS: A AUTORREPRESENTAÇÃO DA ATLETA PARALÍMPICA CAMILLE RODRIGUES NO INSTAGRAM¹

TATIANE HILGEMBERG²

RESUMO

Os corpos com deficiência ocupam uma posição central na discussão ocidental do que se constitui como humano. Se por um lado, as pessoas com deficiência são vítimas de um discurso dominante capacitista, principalmente pela mídia tradicional que reforça ideologias, enquadra determinados aspectos e leva sua audiência a uma rede simbólica de significações que organiza o mundo social. Por outro, as mídias sociais permitem que essas pessoas lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais. Nesse artigo temos como objetivo analisar algumas fotografias publicadas pela paratleta Camille Rodrigues em 2016, em seu perfil no Instagram. Empregando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista, iremos explorar criticamente as relações do corpo da atleta com deficiência e a sua autorrepresentação nas mídias sociais, como uma forma de pensar uma teoria feminista da deficiência.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo; Deficiência; Instagram; Atleta Paralímpica; Feminismo.

THE DISABLED BODY ON SOCIAL MEDIA: THE SELF REPRESENTATION OF THE PARALYMPIC ATHLETE CAMILLE RODRIGUES ON INSTAGRAM

ABSTRACT

The disabled body occupy a central position on western society about what constitute a human being. By on hand, people with disabilities are victims of a hegemonic ableist discourse, specially from traditional media which reinforce ideologies, that also frame some aspects of disability taking to its audience a network of significance that organize the social world. By the other hand, social media allow disabled people to deal with society directly, enabling them to agree, disagree or complement to what is published by the traditional media. In this paper our goal is to analyse photographs posted by the paralympic athlete Camille Rodrigues, on her Instagram profile. Using a feminist post structuralism perspective, we will exploit critically the relation between the paralympic athlete body's and its self-presentation on social media, as a way to move towards a feminist disability theory.

KEYWORDS

Body; Disability; Instagram; Paralympic Athlete; Feminism.

LE CORPS HANDICAPÉ DANS LES RÉSEAUX SOCIAUX: L'AUTOREPRÉSENTATION DE L'ATHLÈTE PARALYMPIQUE CAMILLE RODRIGUES SUR INSTAGRAM

RÉSUMÉ

Les corps handicapés occupent une place centrale dans le débat occidental sur ce qui constitue un être humain. D'une part, les personnes handicapées sont victimes d'un discours capacitiste dominant, principalement par le biais des médias traditionnels qui renforce les idéologies, encadre certains aspects et entraîne son public dans

¹ Uma versão desse artigo foi publicada nos Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima. Contato: tatianehilgemberg@gmail.com.

un réseau symbolique de significations qui organise le monde social. D'autre part, les médias sociaux permettent à ces personnes de traiter directement avec la société, avec des possibilités d'accord, d'opposition ou de complément avec ce qui est divulgué par les médias traditionnels. Dans cet article, nous avons pour objectif d'analyser quelques photographies publiées par la parathlète Camille Rodrigues en 2016, sur son profil Instagram. En utilisant la perspective du féminisme poststructuraliste, nous explorerons de manière critique la relation entre le corps de l'athlète handicapé et leur auto-représentation sur les réseaux sociaux, comme une manière de penser une théorie féministe du handicap.

MOTS-CLÉS

Corps; Déficience; Instagram; Athlète Paralympique; Féminisme.

EL CUERPO DISCAPACITADO EN LAS REDES SOCIALES: LA AUTORREPRESENTACIÓN DE LA ATLETA PARALÍMPICA CAMILLE RODRIGUES EN INSTAGRAM

RESUMEN

Los cuerpos discapacitados ocupan una posición central en la discusión occidental sobre lo que constituye un ser humano. Por un lado, las personas con discapacidad son víctimas de un discurso capacitista dominante, principalmente a través de los medios tradicionales, que refuerza ideologías, encuadra ciertos aspectos y traslada a su audiencia a una red simbólica de significados que organiza el mundo social. Por otro lado, las redes sociales permiten a estas personas un trato directo con la sociedad, con posibilidades de concordar, oponerse o complementar lo divulgado por los medios tradicionales. En este artículo pretendemos analizar algunas fotografías publicadas por la paratleta Camille Rodrigues en 2016, en su perfil de Instagram. Empleando la perspectiva del feminismo postestructuralista, exploraremos críticamente la relación entre el cuerpo de la atleta discapacitada y su autorepresentación en las redes sociales, como forma de pensar una teoría feminista de la discapacidad.

PALABRAS CLAVE

Cuerpo; Discapacidad; Instagram; Atleta Paralímpica; Feminismo.

INTRODUÇÃO

Os antigos gregos foram os primeiros a questionar sobre quais eram os atributos da perfeição e ainda, que tipo de perfeição o ser humano poderia atingir. Platão sugeriu que as formas ideais fornecem um padrão para a beleza estética. Seguindo as ideias de Platão, a arte Ocidental tem procurado representar o corpo humano perfeito. Essa representação tem se concentrado particularmente na masculinidade, na ação, na fisicalidade e na eficiência dos movimentos (MARKS, 1999). Rosemarie Garland-Thomson (2001) afirma que as ideias sobre mulher e deficiência também remontam ao início das civilizações ocidentais, exemplificando com a definição de mulher de Aristóteles como “homens mutilados”, ou seja, um homem com deficiência.

Entre os gregos o corpo era fundamental, principalmente pela importância dada à estética, aos ideais atléticos e às práticas bélicas, por este motivo, foi na Grécia Antiga que o termo estigma foi cunhado para designar “sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava” (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Assim de forma geral, como afirmam Pontes, Naujorks e Sherer (2001), notamos que são os valores culturais que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalização, aferindo a essas, determinados rótulos sociais, que, como argumenta Lippmann (1922), são demasiado vazios, abstratos e desumanos.

De acordo com Maciel (2000) o estigma da deficiência é grave, uma vez que associa a esse grupo de pessoas a ideia de que seus corpos são incapazes, improdutivos, indefesos, sempre deixados em segundo lugar na ordem das coisas. Ou seja, as pessoas com deficiência são deixadas à margem no sistema social, cultural, político e econômico, sofrendo os efeitos da vulnerabilidade a que são submetidas. Por não serem reconhecidas socialmente como sujeitos produtivos, sofrem conseqüentemente com a dificuldade de inserção no mercado. E pela impossibilidade de garantirem sua autonomia econômica, social e simbólica, são excluídas e isoladas exatamente por não fazerem parte da sociedade produtiva. O sujeito com deficiência torna-se reduzido a essa deficiência, o que o impede de exercer seu papel social de indivíduo. Garland-Thomson (2004) argumenta que o discurso dominante se refere ao corpo branco, masculino e sem deficiências, e completa afirmando que esse tipo de discurso funciona como disciplinador das diferenças corporais.

Este artigo traz alguns resultados de uma pesquisa ainda em andamento. Através da análise de fotografias publicadas pela paratleta Camille Rodrigues em 2016 em seu perfil no *Instagram*, e empregando a perspectiva do feminismo pós-estruturalista, iremos explorar criticamente as relações do corpo da atleta com deficiência e a sua autorrepresentação, como uma forma de pensar uma teoria feminista da deficiência.

CORPOS COM DEFICIÊNCIA

Buttler (1993) começa o prefácio de *"Bodies that Matter: on discursive limits of 'sex'"*, contando que começou a escrever o livro tentando considerar a materialidade do corpo e segue narrando a dificuldade que encontrou para disciplinar-se para não sair da temática. Contudo, percebeu que o estudo do corpo a levava a outros domínios, e que o corpo não cessava em indicar um mundo além dele mesmo, um movimento que supera seus próprios limites. A definição de corpo perpassa diversas disciplinas, por isso, torna-se difícil restringir seu significado e suas implicações.

As descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado! (SANT'ANNA, 2000, p. 237).

O conhecimento do corpo que vai da Medicina dos humores à Biotecnologia moderna, que passa pela Psicologia, Antropologia, Sociologia, não se restringe a um campo ou a outro, pertence a todos. Quando se fala de corpo nos estudos antropológicos, por exemplo, o trabalho de Marcel Mauss é incontestável como legado para se pensar o corpo como instrumento sobre o qual incidem técnicas, sendo Mauss considerado, inclusive, um dos primeiros autores a estabelecer parâmetros teórico-metodológicos do que hoje é conhecido como Sociologia do corpo. Em seu ensaio *"As Técnicas Corporais"*, Mauss (1984) afirma que não existe comportamento natural, ou seja, o corpo nunca poderia ser encontrado no suposto estado natural, e que cada ação carrega em si marcas do aprendizado e da cultura. Émile Durkheim (1989), em *"As Formas Elementares da Vida Religiosa"*, de forma análoga, distingue o corpo físico universal do corpo social e afirma que o "homem é duplo". Mary Douglas (1996) desenvolve essas ideias ao afirmar que

O corpo social limita a forma com que o corpo físico é percebido. A experiência física do corpo, constantemente modificado pelas categorias através das quais é conhecido, mantém uma visão particular de sociedade. Há constante troca de significado entre os dois tipos de experiência corporal de modo que uma reforça as categorias da outra. Como resultado dessas interações o corpo em si é um meio altamente restrito de expressão. (DOUGLAS, 1996, p. 69, tradução nossa).

Segundo a autora toda expressão "natural" é culturalmente determinada, mas ao mesmo tempo essas categorias também são utilizadas para legitimar hierarquias, diferenças e exclusões. O corpo, matriz de múltiplos significados, é, indubitavelmente, espaço de hierarquia e poder. Sua docilidade e disciplinarização foram necessárias para que a produção capitalista alcançasse êxito.

Assim também afirma Merleau-Ponty (1962), que vê o corpo como um criador ativo de significado e o local de expressões significativas. O corpo não deve ser visto como matéria

separada da subjetividade e do ambiente, mas como uma entidade intrinsecamente ligada ao contexto e significado criativo. Da mesma forma, o pensamento feminista pós-estruturalista reivindica a ideia de que a corporeidade está intimamente ligada às dinâmicas sociais, sendo o corpo um local onde forças sociais, políticas e econômicas se encontram em conflito.

Levando em conta ser o corpo local onde se insere a alteridade, notamos que existe uma dificuldade em se identificar com corpos que possuem diferenças marcantes, e que passam a ser vistos, portanto, como patologias. “Ou seja, quando uma pessoa com características diferentes daquelas que se esperava encontrar em determinado ambiente é apresentada ou é vista fazendo parte dele, essa pessoa é considerada estranha” (SANTOS, 2008, p. 504). Esses corpos extraordinários, nas palavras de Garland-Thomson (1997), são caracterizados pela falta ou excesso de algo, representam aquilo que foge ao esperado, ao eficiente, ao belo, ao capaz, etc.

Formalmente articulada em 1832 pelo zoologista francês Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, a teratologia articula os *freaks*/aberrações como uma espécie patológica da monstruosidade. As primícias da teratologia já se constituíam na Antiguidade, com as descrições dos monstros por Aristóteles e Plínio; o Cristianismo não modificou a natureza temível ou venerável das representações da diferença, apenas relacionava-as ao pecado ou ao milagre. O monstro deixa as margens do mundo e sua presença gera uma curiosidade febril. De 1840 a 1970 esses corpos monstruosos e disformes eram apresentados em formas de “curiosidades” humanas em show de horrores ou *freak shows*, que aconteciam em feiras e festas, e que tomaram o mundo de assalto (STIKER, 2012, p. 362). Garland-Thomson (1996) afirma que o *freak show* foi um elemento central em nosso projeto cultural coletivo para a representação do corpo. Indivíduos sem braços e pernas realizavam no palco o que se chamava de “performances”, desempenhando tarefas como tocar violino, escrever, costurar, ou até tomar chá. Esses “feitos” eram detalhados e inflados de uma linguagem que os tornava extraordinários e ao mesmo tempo provocam pena e admiração.

Progressivamente no decorrer do século XIX a cultura do voyeurismo entra em conflito com a cultura da observação científica (COURTINE, 2011). Essa racionalização associada à criação de novos e variados estabelecimentos de entretenimento, aliados à educação como o *British Museum* afetaram a credulidade do público e em consequência o fluxo de curiosos no universo dos *freak shows*. Os monstros ou as “curiosidades” humanas deixam de dar lucro e a partir de 1940 esse tipo de espetáculo desaparece quase inteiramente. Mas a ideia do monstro como entretenimento permanece, renascendo no cinema. Courtine (2011) relata que a partir de 1920 os primeiros monstros cinematográficos começam a surgir, Frankenstein, Drácula, Doutor Jekyll, esses são, no entanto, personagens de filmes de horror considerados tranquilizantes.

Os corpos com deficiência, então, ocupam uma posição central na discussão ocidental do que se constitui como humano. Assim, como resultado do tratamento negativo, a pessoa com deficiência além de sofrer com a estigmatização externa, desenvolve uma opressão interna, que gera sentimentos de dúvida e inferioridade. De acordo com o modelo médico³, esses sentimentos fazem parte de uma resposta psicológica do indivíduo à deficiência, entretanto, o modelo social construtivista⁴ vê essa opressão como resultado da imposição de uma identidade marginalizada.

[...] discursos são mais do que formas de pensar e produzir sentido. Eles também dão forma à materialidade do corpo, às experiências corporais dos indivíduos, e a seu senso de self. Discursos podem oprimir grupos marginalizados tais como mulheres, minorias raciais e deficientes, através da produção de um poder/conhecimento específico. Isso não significa que os indivíduos são tolos sociais. O feminismo pós-estruturalista argumenta que há também espaço para desafiar as estruturas opressoras. (VAN AMSTERDAM; KNOPPERS; JONGMANS, 2015, p. 157, tradução nossa).

Garland-Thomson (2004) afirma que a deficiência tem quatro aspectos: é um sistema através do qual interpreta-se e disciplina-se as variações corporais; é também uma relação entre corpos e o ambiente; é um conjunto de práticas que produzem corpo com e sem deficiência; e uma forma de descrever a instabilidade inerente do eu corporificado. E completa que,

Além disso, deficiência é um termo amplo no qual se inserem categorias ideológicas tão variadas quanto doente, deformado, louco, feio, velho, mutilado, aflito, demente, anormal, ou debilitado – os quais são pessoas desfavorecidas por seus corpos não conformarem-se aos padrões culturais. Assim, o sistema da deficiência funciona a fim de preservar e validar as designações privilegiadas tais como belo, saudável, normal, atlético, competente, inteligente – os quais fornecem capital cultural àqueles que não reivindicam tais status [...]. (GARLAND-THOMSON, 2004, p. 77, tradução nossa).

Quando nos definimos como normais, simultaneamente definimos quem é anormal em comparação conosco. As pessoas com deficiência compartilham com outros grupos oprimidos — por classe social, idade, gênero, sexualidade, etnia — a experiência da hierarquia de poder e status. Aqueles na parte mais baixa da hierarquia social é dado menos

³ No modelo médico, também conhecido como individual ou tradicional, a deficiência é vista como um problema que precisa ser tratado. Através deste modelo busca-se que as pessoas com deficiência sejam, ou voltem a ser, funcionais para que assim possam ser integradas à sociedade (KAMA, 2004). Este modelo trabalha a partir de uma perspectiva biológica e vê as limitações individuais como a principal causa das múltiplas dificuldades experienciadas pelas pessoas com deficiência (BARNES; MERCER; SHAKESPEARE, 1999). Também adota as definições e percepções nas quais a deficiência é tida como uma incapacidade que resulta na perda ou limitação de uma ou mais funções (THOMAS; SMITH, 2009).

⁴ No modelo social, a pessoa com deficiência é construída por mecanismos de repressão cultural e institucional que policiam o corpo e a construção de um mundo inacessível. Esta abordagem foca um conjunto de causas estabelecidas externamente, ou seja, os obstáculos impostos às pessoas com deficiência que limitam suas oportunidades de participar na sociedade (BARNES; MERCER; SHAKESPEARE, 1999). Para além disso, o modelo social considera uma vasta gama de fatores e condições, tais como as circunstâncias familiares, suporte financeiro, educação, mercado de trabalho, habitação, transporte e o ambiente físico, entre outros.

autonomia sobre suas vidas, e estão sujeitos a um maior controle (MARKS, 1999). Como afirma Hall (1997) a identidade é construída através da diferença, e a produção de estereótipos serve para a manutenção da ordem social e da ordem simbólica da sociedade. E assim há a naturalização do poder que subjuga o diferente, ou o “outro”, à autoridade representada pelo sexo, cor da pele, gênero, etnia e classe social, ou seja, o poder é representado pelo homem, branco, de classe social mais elevada e sem deficiência. A classe dominante mantém seu poder hegemônico, em parte, através dos meios de comunicação. Os discursos midiáticos ajudam a definir, normalizar, influenciar e refletir os valores dominantes.

Então, por um lado, as pessoas com deficiência são vítimas de um discurso dominante capacitista, principalmente pela mídia tradicional que reforça ideologias, enquadra determinados aspectos e leva sua audiência a uma rede simbólica de significações que organiza o mundo social. O discurso midiático tradicional propõe definições do que é certo, do que é belo, do que é bom. Braga (2009), por exemplo, ao analisar capas de revistas femininas percebeu que em 98% do material o corpo representado era branco e em todos os casos a magreza era exposta, nenhum corpo diferente do discurso vigente. O corpo com deficiência, quando não ausente, é, geralmente, representado de forma estereotipada.

Por outro lado, as mídias sociais permitem que essas pessoas lidem diretamente com a sociedade, com possibilidades de concordar, contrapor ou complementar o que é divulgado pelos meios tradicionais (SANDERSON, 2010). No ambiente digital, o sujeito sente-se livre para expor o “eu” desejado, numa tentativa de controlar o discurso sobre si. De acordo com Ellis e Goggin (2015) as mídias sociais, como *Instagram, Facebook, Blog, Twitter*, etc., permitem que as pessoas com deficiência valorizem sua identidade, podendo, inclusive, influenciar a agenda midiática ao oferecer representações e interpretações de acordo com a perspectiva desse grupo de indivíduos.

Além disso entendemos o corpo como central nesse processo de reconhecimento do gênero, uma vez que ele é o local onde o gênero é performado. Assim o corpo das pessoas com deficiência é apagado e invisibilizado e o tipo de deficiência, bem como sua extensão e sua visibilidade (se são mais ou menos perceptíveis ao olhar) mediam o grau de comprometimento social desse corpo. Gerschick (2000) aponta que crianças com deficiência considerada mais severa terão uma designação de sexo ao nascer, porém aqueles que as rodeiam terão baixas expectativas quanto à performance e reconhecimento desse gênero, enquanto crianças com deficiências menos severas ou menos perceptíveis poderão experimentar as categorias de gênero de forma diferente. Para as pessoas com deficiência o gênero é uma categoria condicional (GERSCHICK, 2000).

Considerando que a deficiência é uma categoria culturalmente construída produzindo sentidos através das diferenças corporais, percebemos que gênero e deficiência

funcionam como sistemas de opressão, ou seja, estão inseridos, enquanto oprimidos, em relações de poder. Judith Butler (2000; 2013) discute essas relações ao propor o conceito de abjeção, que está cada vez mais presente em estudos sobre a deficiência. Apesar de a autora não refletir especificamente sobre deficiência, os corpos abjetos podem ser pensados para além das questões de sexo/gênero. Ao longo dos anos, os estudos da deficiência passaram a focar em questões que já são estudadas há anos pelos estudos feministas. Como afirma Garland-Thomson (2004) essas pesquisas podem fornecer métodos, perspectivas e conhecimentos que ajudam a aprofundar os estudos da deficiência. Assim, nas próprias palavras de Butler, “[...] o abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161).

Entendemos, portanto, que os corpos com deficiência também fazem parte do rol de corporeidades abjetas. O corpo abjeto é estranho, é o “outro”, que sustenta a construção da exclusão. “Neste processo a construção do ‘não eu’ como abjeto estabelece as fronteiras do corpo, que são também os primeiros contornos do sujeito” (BUTLER, 2013, p. 191). Mello (2014, p. 85) destaca que a “(...) deficiência é a materialidade da abjeção em sua mais radical acepção: os “corpos extraordinários” perturbam nosso olhar porque parecem representar, positiva ou negativamente, uma das mais totalizantes experiências de transgressão corporal”.

De acordo com Hargreaves (1985) ao tornar as pessoas visíveis — tornando os espaços cada vez mais públicos — o sistema de vigilância e disciplina é expandido como forma de produzir pessoas normais. Ou seja, os corpos expostos em público — nas ruas, praias, academias, na mídia, etc. — constituem por si um sistema mútuo e completo de vigilância e disciplina, a autoridade implacável que julga os corpos no espaço social de acordo com as normas.

MÉTODO

A nadadora paralímpica Camille Rodrigues se destaca no cenário nacional por ter feito parte de videoclipes de músicos como Lucas Lucco, ter posado para a Playboy em 2016, se apresentado no Prêmio Multishow de 2017 com a cantora Anitta e participado da abertura do programa Fantástico, da Rede Globo.

Camille Rodrigues é uma nadadora amputada da perna direita, por conta de uma malformação congênita, que começou sua carreira profissional em 2007. Participou do Parapanamericano de Guadalajara em 2011, onde conquistou três medalhas de prata e uma de bronze. Em 2015 Camille fez parte da delegação brasileira no Parapan de Toronto e

voltou ao país com três medalhas de ouro, além de ter também participado dos Jogos Paralímpicos do Rio em 2016, sem, contudo, ter conquistado medalha. Atualmente é atleta do Clube de Regatas do Vasco. Em seu perfil no Instagram, que conta com mais de 275 mil seguidores — no momento da coleta dos dados para essa pesquisa — Camille se define como influenciadora digital, dançarina e palestrante. Ao observamos seu perfil no Instagram percebemos que a atleta tende a publicar imagens que antagonizam com a ideia de que a mulher com deficiência é assexuada e infantil, servindo de contraponto ao corpo abjeto muitas vezes associado ao corpo com deficiência.

Para a nossa pesquisa coletamos todas as publicações feitas no feed do Instagram da atleta nos últimos meses do clico paralímpico de 2016, ou seja, de 1 de janeiro a 30 de setembro daquele ano. A amostra geral é composta por 342 postagens, das quais 306 são fotografias. A coleta foi realizada no dia 29 de maio de 2020, essa data é importante de ser mencionada pois, para este trabalho, analisamos as cinco fotografias dessa amostragem com o maior número de curtidas, buscando entender também as imagens que mais geraram esse tipo de engajamento.

O *Instagram* apresenta-se com uma plataforma dinâmica, que permite o compartilhamento de momentos de vida, através de imagens e vídeos, possibilitando a inserção de legendas, *hashtags* (simbolizadas por #) e a menção a outros usuários (simbolizada por @), incentivando também as conexões sociais. A plataforma oferece, portanto, uma série de ferramentas que possibilitam aos usuários produzir imagens de seus corpos de acordo com suas próprias escolhas. Ao mesmo tempo oferece outros tipos de instrumentos, como por exemplo as curtidas e comentários, que permitem aos indivíduos julgarem essas imagens — quanto maior o número de curtidas e comentários maior o sucesso da postagem.

Apesar de já ter atraído mais de 150 milhões de usuários ativos, ter uma média de 55 milhões de fotos publicadas diariamente e de seu sucesso demonstrar que vídeos e fotos se tornaram a principal moeda social, poucos são os estudos que se debruçam sobre o *Instagram*.

Como metodologia, propomos a utilização da Teoria Fundamentada, também conhecida como *Grounded Theory*, proposta por Glaser e Strauss (1967). De acordo com Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 87) esse método “[...] é interessante para quem deseja pesquisar o ciberespaço, pois propõe a atuação da análise em conjunto com o processo de coleta de dados, de forma a permitir que a teoria emerja do empírico”.

Nesse trabalho questionamos como o corpo da atleta é posto nessas fotografias e se sua deficiência e/ou prótese estão visíveis e quais papéis ocupam na composição da imagem. O processo de análise nos permite construir categorias baseadas em regularidades e irregularidades observadas no objeto, sendo ele sempre permeado pelo questionamento

aberto de cada uma dessas unidades, categorias e conceitos que emergem procurando seus significados, possibilitando a identificação de temas visuais prevalentes.

Levando em conta o contexto em que as fotografias foram publicadas e assumindo nossa responsabilidade no papel interpretativo, buscamos, com esse método qualitativo, auxiliar no processo de construção de uma teoria feminista da deficiência.

CORPO E AUTORREPRESENTAÇÃO

De acordo com Ellis e Goggin (2015, p. 84) as representações precisam ser levadas à sério, uma vez que estão “[...] intimamente relacionadas no policiamento das fronteiras de como nos relacionamos com a deficiência, e, de fato, no que é aceito como ‘normal’ em nossas sociedades (tradução nossa). Portanto, ao mesmo tempo em que a análise das representações midiáticas é fundamental para o entendimento de como a deficiência é vista e entendida pela sociedade, as autorrepresentações podem nos oferecer um contraponto à mídia *mainstream*. Thoureau (2006) analisou as representações da deficiência na revista eletrônica *Ouch!*, da rede britânica *British Broadcasting Corporation* (BBC), produzida por pessoas com deficiência e encontrou representações diferentes daquelas apresentadas pela mídia tradicional, com foco em histórias pessoais através de uma narrativa que introduz a deficiência como apenas um aspecto da vida do indivíduo.

Snyder e Mitchell (2008) sugerem que a exposição a uma variedade mais ampla de deficiências, que pode ocorrer no ciberespaço, pode produzir o que eles chamam de “reprogramação estética” da audiência, que passa a ter contato com uma multiplicidade de discursos que podem (re)enquadrar suas experiências e ideias sobre a deficiência. Isso também pode acontecer no contato com uma multiplicidade de discursos sobre a deficiência, e com diversas formas de se representar os corpos. Mattlin (2022) afirma que se a sociedade vê mais pessoas com deficiência, em especial aquelas que possuem corpos diferentes das pessoas sem deficiência, ela assimilará esses corpos para dentro do escopo do normal, do bem-vindo, daquilo que agrada aos olhos. “As pessoas com deficiência não deveriam emular os padrões de beleza das pessoas sem deficiência; eles deveriam ser capazes de centrar suas representações em suas experiências autênticas da diferença” (MATTLIN, 2022, p. 103, tradução nossa).

Hyde e Todd (1996), por sua vez, ao analisar a opinião das pessoas com deficiência sobre o meio online, demonstram que elas percebem o ciberespaço como um espaço social onde podem expressar suas ideias sem serem julgadas com base em suas deficiências, e como meio que oferece oportunidades de controle sobre a forma como são representadas e apresentadas.

No esporte, as mídias sociais e a Web 2.0 transformaram a interação entre torcedores, ou fãs de esporte, e seus ídolos. As novas ferramentas dão ao usuário a oportunidade de revelar informações e perspectivas que de outra forma não estariam disponíveis. O esporte foi criado por e para pessoas sem deficiência, dando prioridade para alguns tipos de movimentos humanos, e com um certo número de padrões através dos quais os atletas são avaliados (HILGEMBERG, 2016; 2019). Esses padrões são designados, segundo Brittain (2004), para destacar e reverenciar o extremo da perfeição corporal através da associação com o fitness, saúde, dinamismo, juventude e apelo sexual, o que está fortemente em contraste com a imagem do esporte para pessoas com deficiência, vistas como “doentes”, “aleijados”, “deficientes”, “mutilados” (SCHANTZ; GILBERT, 2001). De acordo com Garland-Thomson (2004, p. 77, tradução nossa) “[...] deficiência é um termo amplo que inclui categorias ideológicas tão variadas quanto doentes, deformados, loucos, feios, idosos, aflitos, anormais ou debilitados, todas pessoas em desvantagem com corpos desvalorizados que não estão de acordo com padrões culturais”.

Diversos autores (SCHANTZ; GILBERT, 2001; SCHELL; RODRIGUEZ, 2001) afirmam que as atletas com deficiência são sujeitas a múltiplas discriminações, uma vez que, em geral, não se enquadram na perspectiva da fisicalidade, ou seja, à representação social de corpo atlético ideal; não correspondem à ideia de masculinidade, identificada por características como agressividade, independência, força e coragem; nem pela sexualidade, definida como uma visão socialmente esperada e aceita de comportamento sexual.

Garland-Thomson (2004) nos leva a pensar deficiência e gênero como significantes culturais, e afirma que os corpos de pessoas com deficiência e mulheres são disciplinados através da medicina e da ditadura da estética, como por exemplo, cirurgias plásticas que visam à normalidade, ou seja, ao apagamento da deficiência como forma de se inserir em uma sociedade normativa. “Juntos, os sistemas de gênero, raça, etnicidade, sexualidade, classe, e capacidade [deficiência] exercem imensa pressão social para moldar, regular e mobilizar corpos subjugados” (GARLAND-THOMSON, 2004, p. 80, tradução nossa).

Assim, pelo exposto, percebemos que a atleta Camille Rodrigues, pode trazer uma imagem disruptiva ao apresentar o membro amputado de forma natural, como parte, eficiente, de seu corpo. O que percebemos das cinco postagens de Camille no Instagram, com maior número de curtidas, é a presença do corpo da atleta que deixa visível sua prótese, que muitas vezes têm protagonismo em suas fotos, como uma recusa a esconder sua deficiência.

Figura 1. Foto publicada no perfil de Camille Rodrigues no *Instagram* em 24 de agosto de 2016.



Em seu artigo “(Re)fusing the Amputated Body: an interactionist bridge for feminism and disability”, Schriempf (2001) discute a matéria e ensaio “Meet Ellen Stohl” publicada na *Playboy* americana em 1987, a primeira vez que uma mulher com deficiência foi fotografada pela revista. Nas fotos em que aparece nua a deficiência da modelo está invisível, sua cadeira de rodas não aparece, ela não posa de pé, está sempre sentada ou deitada, e não há qualquer indício de sua paraplegia. Contudo nas fotos do dia a dia ela é representada fazendo coisas consideradas inacessíveis para pessoas com deficiência. Há uma clara divisão entre a sexualidade em que a deficiência está invisível e o cotidiano em que a deficiência é mostrada (SCHRIEMPF, 2001). Mattlin (2022) lembra que apesar de Ellen Stohl ser considerada a primeira mulher com deficiência visível a ser retratada nua em uma revista impressa, fotos tendem de alguma forma a mascarar a atrofia de suas pernas, fazendo com que ela, na verdade, não parecesse ter deficiência, apesar de algumas fotos ela estar em sua cadeira de rodas. O ator aponta que hoje, diversos modelos e influencers mostram suas deficiências em fotos como parte de seus corpos.

Como foi dito as atletas com deficiência são, geralmente, enquadradas pela mídia tradicional de forma assexual através do processo de infantilização e trivialização, e isso se dá pelo fato de a ideia de feminilidade e deficiência serem incompatíveis. A figura 1, mostra uma foto repostada por Camille do perfil da *Playboy*, nesse sentido a atleta rompe com a ideia de ser assexual relacionada à mulher com deficiência ao estar nas páginas de uma revista masculina, ligada à ideia de sexualidade (mesmo que o ensaio não seja nu) trajando roupa de banho e com sua prótese à mostra.

Garland-Thomson (2004, p. 97) analisa fotografias da ativista, modelo, celebridade e velocista dupla amputada Aimee Mullins e afirma que suas próteses “zombam com orgulho”

da ideia utópica do corpo perfeito, ao mesmo tempo em que o restante de seu corpo se conforma exatamente com esses mesmos padrões estéticos. Assim como Camille que em suas fotos opta por não ocultar ou apagar sua deficiência gerando uma narrativa que pode funcionar contra os discursos e práticas hegemônicas opressivas e capacitistas, sendo, assim, capaz de rejeitar a ideia de corpo abjeto relacionado ao corpo com deficiência. Pullen e Silk (2020) ao discutir as relações entre gênero e corpo com deficiência apontam que a partir de Londres 2012, em sintonia com a mercantilização do espetáculo paralímpico, pode-se notar uma cobertura mais sexualidade e generificada muito semelhante ao esporte olímpico. No Reino Unido a revista FHM publicou a seção *"Hottest Female Paralympians"* (Atletas Paralímpicas mais belas), o jornal Daily Mirror's lançou uma lista das *"Sexiest Female Paralympians"* (Atletas Paralímpicas mais sexys), além das mídias sociais *Pinterest* que apresentou *"Paralympian Babes"* (Gatas Paralímpicas) e *Facebook* com *"Paralympian and Paratriathlon Babes"* (Gatas Paralímpicas e do Paratriatlon). Ainda de acordo com Pullen e Silk (2020) essas listas de beldades levantam questões sobre deficiência, esporte e sexualidade, com foco nas ideologias de heteronormatividade compulsória. Ellen Stohl, por exemplo, apesar de considerar a revista *Playboy* como uma publicação não feminista, por objetificar o corpo da mulher, reforçar padrões de beleza e contribuir para a opressão do patriarcado, reconhece ter sucumbido a esses estereótipos. Mas Ellen afirma que a ideia era romper com a definição de sexy, uma vez que as mulheres com deficiência são consideradas assexuais, e mostrar que as mulheres podiam aceitar suas imperfeições e buscar sua própria beleza (MATTLIN, 2022).

Figura 2. Foto pulicada no perfil do Instagram de Camille Rodrigues em 30 de setembro de 2016.



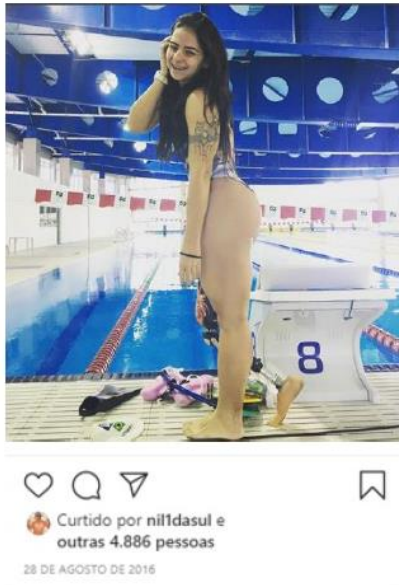
No entanto, também podemos refletir que ao apresentar a prótese talvez haja uma tentativa de conformidade uma vez que a prótese substitui visualmente o membro amputado, e ganha foco no lugar do membro em si. Como afirma Garland-Thomson (2004, p. 97) sobre Aimee Mullins, Camille também corporifica um paradoxo ao ser uma mulher bonita e atraente e se autorrepresentar de forma sensual, o que em parte se conforma com as normas estéticas, e ao mesmo tempo ser uma pessoa com deficiência e ter seu corpo considerado abjeto.

Também notamos que em quatro das cinco publicações analisadas a atleta estava inserida em contexto esportivo. Duas dessas fotos foram postadas durante os Jogos Paralímpicos de 2016 (figura 3), em uma Camille posa ao lado de outras atletas brasileiras, o que nos levaria a crer que a identidade de Camille enquanto atleta pode ser a mais valorizada por seus seguidores, e na outra é clicada abraçada a uma menina que também apresenta amputação de membro inferior, o que pode ser um indício do suporte ao estereótipo do atleta com deficiência como exemplo de superação. No entanto nas outras duas fotos em que Camille se encontra em contexto esportivo (figura 1 e figura 4), a atleta traja maiô, e incorpora o “visual” sexualizado que exige que as mulheres estejam em forma. As plataformas digitais oferecem uma forma de as atletas com deficiência desafiar os estereótipos e narrativas vigentes, mas por outro lado elas também sentem a pressão de reproduzir as normas sociais de gênero.

Figura 3. Fotos pulicadas no perfil do *Instagram* de Camille Rodrigues em 15 de setembro de 2016.



Figura 4. Foto publicada no perfil do *Instagram* de Camille Rodrigues em 28 de agosto de 2016.



O corpo da mulher é central para os circuitos do consumo na economia da visibilidade online. A autorrepresentação feminina nesse cenário, muitas vezes, ocorre através da exibição corporal, o que gera um sentido ambivalente uma vez que por um lado promove a mulher como agente independente e empoderada do processo de construção da própria imagem, e por outro evoca um sentido de objetificação do corpo feminino (TOFFOLETTI; THORPE, 2018).

O que apreendemos dessa análise é que o feminismo é complexo, bem como sua crítica cultural. Os estudos feministas nos ajudam a pensar criticamente o uso das imagens das mulheres como objetos sexuais para a gratificação masculina, e ao mesmo tempo aponta que é nesse mesmo sistema capitalista que estão inseridas contra-imagens e contra-narrativas, que, na verdade, estão em busca de novos mercados. As fotografias publicadas por Camille Rodrigues ao mesmo tempo em que criticam o sistema normativo-opressor ao não apagar a deficiência, também o reforça.

CONCLUSÃO

Fine e Asch (1988, p. 21) contam a seguinte história: uma pré-adolescente com espinha bífida vai ao ginecologista e o questiona se poderá ter relações sexuais prazerosas com um homem, ao que o médico responde “Não se preocupe, sua vagina é estreita o suficiente para satisfazer qualquer homem”. Schriempf (2001) retoma essa história para demonstrar que existem pressuposições que não podem ser inteiramente explicadas nem pela teoria feminista nem pelos estudos da deficiência. Para ela o problema não é que o

médico seja sexista ou capacitista, mas que a pré-adolescente tenha que fazer essa pergunta, e questiona “Quantas feministas sem deficiência leitoras deste artigo, por conta de sua corporalidade, tiveram que perguntar a seus médicos se elas seriam capazes de ter relações sexuais satisfatórias?” (SCHRIEMPF, 2001, p. 55, tradução nossa).

No livro *“Pride Against Prejudice: transforming Attitudes to Disability”* (1991) Jenny Morris afirma que a desvalorização da deficiência, conceitualizada e vista a partir de uma visão capacitista, leva à ideia de que essas vidas não têm valor, ou seja, são vidas que não importam, como nos traz Butler, e por isso devem ser extintas. Por isso autoriza-se o aborto de fetos com deficiência, ou defende-se a eutanásia de pessoas com deficiência, ou apaga-se as experiências dessas pessoas. Morris (1991) também aponta que as feministas têm historicamente excluído as mulheres com deficiência dos debates e das pesquisas e situa a necessidade de criar novos enquadramentos teóricos que se situem na intersecção entre as duas categorias.

Ao reconhecer gênero como uma categoria que afeta as investigações acadêmicas, as feministas foram obrigadas a pensar que outras identidades sociais deveriam ser reconhecidas. Assim, além de gênero, raça, classe e sexualidade também passaram a ser consideradas, reconhecendo que a mulher nunca é simplesmente uma mulher, mas um conjunto de identidades dentro do espectro de categorias culturais. Contudo, a deficiência é uma das intersecções menos exploradas pelos estudos feministas. Por sua vez, os estudos críticos da deficiência têm se aproximado, ainda que timidamente, do conceito de abjeção, uma vez que os corpos deficientes também não estão enquadrados no padrão normativo da sociedade.

Como pudemos notar através da análise das postagens feitas pela atleta Camille Rodrigues em seu perfil no *Instagram*, o corpo com deficiência, considerado abjeto, pode apresentar características que reforcem as normas estéticas opressoras; características essas exibidas pela atleta, sem, no entanto, apagar sua deficiência. A ambiguidade aparente aponta para os próprios paradoxos comuns da atualidade e do pensamento feminista que busca discutir criticamente a sociedade, ao mesmo tempo em que oferece ferramentas para o empoderamento das mulheres.

REFERÊNCIAS

BARNES, Colin; MERCER, Geof; SHAKESPEARE, Tom. *Exploring Disability: a sociological introduction*. Cambridge: Polity Press, 1999.

BUTTLER, Judith. *Bodies that matter: on discursive limits of “sex”*. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. //: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151–172.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BRAGA, Adriana. Corpo, mídia e cultura. **Razón y Palabra**, n. 69, p. 1–11, 2009. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/CORPO%20MIDIA%20E%20CULTURA.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2016.

BRITAIN, Ian. Perceptions of Disability and their Impact upon Involvement in Sport for People with Disabilities at all Levels. **Journal of Sports & Social Issues**, v. 28, n. 4, 2004. p. 429–452.

COURTINE, Jean-Jacques. O Corpo Anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Eds.). **História do Corpo**: as mutações do Olhar: o Século XX. Tradução de João Batista Kreuch e Jaime Clasen. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 253–340.

DOUGLAS, Mary. **Natural Symbolics**: explorations in cosmology. Londres: Routledge, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELLIS, Katie; GOGGIN, Gerard. **Disability & the Media**. Londres: Palgrave, 2015.

FINE, Michelle; ASCH, Adrienne. **Woman with disabilities**: essays in psychology, culture, and politics. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Introduction: From Wonder to Error: A genealogy of Freak discourse in modernity. //: GARLAND-THOMSON, Rosemarie. (Ed.) **Freakery**: cultural Spectacles of the Extraordinary Body. New York: New York University Press, 1996. p. 1–13.

GARLAND-THOMSONS, Rosemarie. **Extraordinary Bodies**: figuring physical disability in american culture and literature. Nova York: Columbia University Press, 2017.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Re-shaping, Re-thinking, Re-defining: feminist Disability Studies. Barbara Waxman Fiduccia Papers on Women and Girls with Disabilities. **Center for Women Policy Studies**. 2001. Disponível em: www.centerwomenspolicy.org. Acesso em: 18 mar. 2022.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating Disability, Transforming Feminist Theory. //: SMITH, Bonnie. G.; HUTCHISON, Beth. (Eds.). **Gendering Disability**. Nova Jersey: Rutgers University Press, 2004. p. 73–103.

GERSCHICK, Thomas J. Toward a Theory of Disability and Gender. **Signs**, v. 25, n. 4, p. 1263–1268, 2000.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The Discovery of Grounded Theory**. Nova York: Aldine, 1967.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

HALL, Stuart. The spectacle of the "Other". //: HALL, Stuart (Ed.) **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/Open University, 1997. p. 223–290.

HARGREAVES, John. A. The body, sport and power relations. **The Sociological Review**, v. 33, n. 1, p. 139–159, 1985.

HILGEMBERG, Tatiane. Smile for the Camera: Photographic Analysis of 2012 Paralympic Games Media Coverage in Brazilian Newspapers. **Journal of Sport Science and Physical Education**, n. 70, p. 13–21, 2016.

HILGEMBERG, Tatiane. The Brazilian Way: Media Coverage of the London 2012 Paralympic Games. //: ELLIS, Katie, *et al.* (Eds.). **Interdisciplinary Approaches to Disability**: looking towards the Future, v. 2. Nova York: Routledge, 2019. p. 266–275.

HYDE, Daniel; TODD, Robert. An Overview of Issues Surrounding Use of the Internet by People with Disabilities. **18th World Congress of Rehabilitation International**, 1996, Auckland, Nova Zelândia, p. 130–133, 1996.

KAMA, Amit. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, n. 29, p. 447–466, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Public Opinion**. Nova York: Macmillan, 1922.

MACIEL, Maria; CAZZANIGA, Regina. Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 51–56, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200008&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 20 mar. 2007.

MARKS, Deborah. **Disability**: controversial debates and psychosocial perspectives. Londres: Routledge, 1999.

MATTLIN, Ben. **Disability Pride**: dispatches from a post-ADA world. Boston: Beacon Press, 2022.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1984.

MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, Deficiência, Cuidado e Capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violência contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception**. Londres: Routledge, 1962.

MORRIS, Jenny. **Pride Against Prejudice**: transforming Attitudes to Disability. Londres: BPC Hazell Books, 1991.

PONTES, Beatriz Santos; NAUJORKS, Maria Inês; SHERER, Amanda. Mídia Impressa, Discurso e Representação Social: A Constituição do sujeito deficiente. **XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA**

COMUNICAÇÃO, p. 1-6, 2001. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/2001/np11/NP11PONTES.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2007.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Estudos Feministas*, n. 10, v. 1, p. 155-167, 2002.

PULLEN, Emma; SILK, Michael. Gender, technology and the ablenational Paralympic body politic. *Cultural Studies*, v. 34, n. 3, p. 466-488, 2020.

SANDERSON, Jimmy. Framing Tiger's Troubles: comparing traditional and social media. *International Journal of Sport Communication*, v. 3, n. 4 p. 438-453, 2010.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. As Infinitas Descobertas do Corpo. *Cadernos Pagu*, n. 14, p. 235-249, 2000.

SANTOS, Wenderson Rufino. Pessoas com Deficiência: nossa maior minoria. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 18, n. 3, p. 501-519, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n3/v18n3a08.pdf>. Acesso em: 28 dez. de 2009.

SCHANTZ, Otto; GILBERT, Keith. An Ideal Misconstrued: newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, v. 18, p. 69-94, 2001.

SCHELL, Beez Lea Ann; RODRIGUEZ, Stephanie. Subverting Bodies/Ambivalent Representations: Media Analysis of Paralympian, Hope Lewellen. *Sociology of Sport Journal*, v. 18, n. 1, p. 127-135, 2001.

SNYDER, Sharon L.; MITCHELL, David T. "How do we get all these Disabilities in here?": disability film festivals and the politics of atypicality. *Reveu Canadienne d'Études cinématographiques/Camadian Journal of Film Studies*, v. 17, n. 1, p. 11-29, 2008.

SCHRIEMPF, Alexa. (Re)fusing the Amputated Body: An interactionist bridge for feminism and disability. *Hypatia*, v. 16, n. 4, p. 53-79, 2001.

STIKER, Henri-Jacques. Nova Percepção do Corpo Enfermo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. (Eds.). *História do Corpo: Da Revolução à Grande Guerra*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 347-392.

THOMAS, Nigel, SMITH, Andy. *Disability, Sport and Society: An Introduction*. New York: Routledge, 2009.

THOREAU, Estelle. Ouch! An examination of the self-representation of disabled people on the internet. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 11, n. 2 p. 442-468, 2006.

TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly. The athletic labour of femininity: the branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram. *Journal of Consumer Culture*, vol. 18, n. 2, p. 298-316, 2018.

VAN AMSTERDAM, Noortje; KNOPPERS, Annelies; JONGMANS, Marian. 'It's actually very normal that I'm different'. How physically disabled youth discursively construct and position their body/self. *Sport, Education and Society*, v. 20, n.2, p. 152-170, 2015.

Recebido em 27 de outubro de 2022.
Aprovado em 6 de junho de 2023.